

**GRUPO DE TRABALHO**  
**COMUNIDADE, MEIO AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA**

**Coordenadora:**

Naumi A. de Vasconcelos (EICOS-UFRJ)

**Participantes:**

Jacyara C.R. Nasciutti (EICOS-UFRJ)

Pedrinho Guareschi (PUC RGS)

Regina H. Freitas Campos (UFMG)

Ronald Arendt (UERJ)

Silvia T. Maurer Lane (PUC-SP)

# QUALIDADE DE VIDA E HABITAÇÃO

*Naumi A. de Vasconcelos*

*Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social  
Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Analisando o conceito de "qualidade de vida" e suas implicações com os de "nível de vida" e "gênero de vida", este trabalho se propõe a referenciá-los às análises da habitação em nossas sociedades contemporâneas, buscando examinar: 1) como são utilizados os conceitos acima nos estudos históricos e sociológicos sobre habitação; 2) a contribuição da psicologia, ou mais especificamente de uma psicologia social ao estudo da habitação; 3) **como, quando e quanto** é vista a "percepção da habitação" por parte do habitante nesses estudos e abordagens; 4) até que ponto o conceito de "qualidade de vida" repousa sobre signos tributários de uma ideologia, com o objetivo de os conformarem a **modelos culturais**, retomando aqui a discussão que opõe M. Duclos e H. Raymond a respeito do "habitat pavillonnaire" na França. Intenta-se igualmente relacionar a discussão acima com trabalhos já realizados pela autora (Corpo, casa, sexualidade) e com a linha de estudos e de pesquisas do EICOS/UFRJ sobre Habitat, Família, Sociedade.

# COMUNIDADE, MEIO AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA: NOVAS PERSPECTIVAS COMUNITÁRIAS.

*Jacyara C. Rochael Nasclutti*

*Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social  
Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro*

A complexidade do objeto de estudo e trabalho do psicólogo social e a inadaptação da maioria das práticas psicossociais à realidade institucional e comunitária tem suscitado nos profissionais da área diferentes reflexões, que vão desde a perplexidade face à distância entre seus conteúdos (teóricos e de pesquisa) e as necessidades e demandas que lhe são encaminhadas, até o questionamento sobre identidade profissional e de cidadão, passando por questões éticas e disciplinares. Assim, é imperativo considerarmos as diferentes perspectivas de pesquisa e ação em direção a uma mudança mais global de se pensar articuladamente nossa inserção na realidade social. Na busca de uma redefinição ética do papel do psicólogo social e/ou comunitário e da relevância de seu trabalho, um elemento a ser enfatizado é o redimensionamento das práticas institucionais onde novos recursos interdisciplinares devem ser criados visando a articulação entre sujeito, socius e meio ambiente através do pleno desenvolvimento da autonomia criativa do conjunto de atores sociais. Ênfase é dada aos aspectos históricos, contextuais e relacionais, numa reflexão consciente dos agenciamentos, determinantes e potencialidades atuais, possibilitando planejamento de ação. Uma intervenção realizada em uma instituição hospitalar permite-nos melhor compreender o quadro acima referido, apontando para novas possibilidades: - para o psicólogo, enquanto profissional-ator social, atribuindo um novo sentido à sua prática, - para os usuários e profissionais da instituição, através de novas formas de relacionamento com o mundo circundante, formas essas traduzidas em termos de melhoria de qualidade de vida.

# EVOLUÇÃO NAS PRÁTICAS IDEOLÓGICAS

*Pedrinho A. Guareschi*

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

O trabalho de investigação teórica e pesquisa empírica se refere aos novos modos e novas estratégias empregadas na reprodução das relações sociais, especificamente as relações de dominação. Chamamos a isso de práticas ideológicas. Ideologia é definida aqui como sendo o uso do sentido e das formas simbólicas para manter e reproduzir relações de dominação. Dominação é entendida como diferente de poder. Poder é definido como uma capacidade, uma qualidade inerente às várias pessoas e organismos. Nesse sentido todos os que têm capacidade, todos os que "podem" fazer algo, possuem um "poder", que pode ser econômico, religioso, de gênero, etc. Já dominação é uma relação, e se dá no momento em que um indivíduo, ou grupo, se apropria da capacidade, isto é, do poder de outro. Ideologia irá compreender apenas situações em que essa relação de dominação (usando formas simbólicas para se apropriar de poderes) é assimétrica, desigual, injusta. Na análise das relações sociais, podemos identificar várias formas de dominação ideológica. Nosso interesse específico se centra na mudança que essas formas vão assumindo, conforme as necessidades e confrontações entre os diversos grupos. Existe, pois, uma trajetória entre essas formas de dominação (relações de dominação). Ela se dá tanto horizontalmente, onde as relações passam de coercitivas, explícitas, para relações persuasivas, hegemônicas. E dá-se também verticalmente, onde os mecanismos psicossociais se apresentam em três níveis: primeiro, constata-se o emprego de estratégias racionais; num segundo nível, dá-se a apropriação e manipulação das normas pessoais; num terceiro nível, vê-se a apropriação e manipulação das normas sociais. O quadro seguinte sintetiza os diversos mecanismos psicossociais em diferentes situações sociais:

## MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELAÇÕES SOCIAIS.

RELAÇÕES SOCIAIS			
		Vig/coerção	Heg/persuasão
MECANISMOS PSICOSSOCIAIS	Estratégias racionais	1)Submissão (despotismo)	4)Consenso (cooperação oportunista)
	Normas Pessoais	2)Obediência	5)Responsabilidade
	Normas Sociais	3)Legitimidade	6)Reciprocidade/ Lealdade/"Equidade"

# REPRESENTAÇÕES DA QUALIDADE DE VIDA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS RECENTES.

*Regina Helena de Freitas Campos*  
*Mastrado em Psicologia Social*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*

São conhecidos os graves problemas que afetam a infância no Brasil: pobreza, escolarização deficiente, entrada precoce no mercado de trabalho, descuido e abandono (Ribeiro e Sabóia, 1993). Entretanto, pouco se conhece sobre como as próprias crianças e adolescentes brasileiros se colocam frente aos múltiplos desafios de suas condições de vida. Os trabalhos feitos por Antipoff e colaboradoras (Antipoff et alii, 1930, 1934, 1939 e 1945) sobre ideais e interesses infantis constituem uma das primeiras tentativas de conhecer a vida infantil a partir da perspectiva das crianças. Fornecem, além disso, preciosas informações sobre o quadro de valores e representações sociais que predominavam entre nós nas décadas de 30 a 40. O programa de pesquisa **Imaginário e sociedade: evolução dos ideais e interesses das crianças mineiras entre 1930 e 1990**, por nós desenvolvido visa a continuação das investigações empreendidas por Antipoff. Os ideais e interesses infantis, se analisados como expressões das representações sociais, evidenciam como uma sociedade constrói e fala desta categoria - a criança: como a percebe, a define e que modelos lhe propõe. A representação social da criança é a resultante de diversos discursos socialmente produzidos, discursos que variam de acordo com a época histórica, o lugar de emissão, o público visado (Chombar de Lauwe, 1986). Por outro lado, o depoimento constitui evidência também de como as próprias crianças elaboram e re-apresentam à sociedade os modelos e representações de que são objeto. O jogo da imaginação estimulado pela exploração dos ideais e interesses documenta a dialética entre os modelos impostos socialmente e a sua reelaboração individual e coletiva pela própria categoria social visada (Vygotsky, 1988). É a partir destas perspectivas que este programa de pesquisa se desenvolve, tendo por objetivo captar não só o movimento histórico de transformação do imaginário social, como o impacto deste movimento sobre as próprias crianças e adolescentes. A partir destas informações, torna-se possível conhecer como é elaborado o próprio conceito de qualidade de vida a partir dos sujeitos históricos concretos que o

constróem. Nesta comunicação, alguns resultados preliminares do programa de pesquisa serão relatados. A análise de depoimentos de sujeitos com idade variando entre 9 e 16 anos, estudantes da quarta série primária em escolas que atendem diferentes classes sociais, permite avaliar a ação das principais agências de socialização (família, escola e meios de comunicação de massa), os valores e ideais a partir dos quais operam as crianças, as diferenças por gênero e por classe social. A comparação com os resultados de pesquisas anteriores permite observar a evolução histórica dos interesses e ideais, e da expectativa de qualidade de vida. (CNPq, FAPEMIG).

# CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE A PESQUISA EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

*Ronald João Jacques Arendt  
Instituto de Psicologia  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

No IV Simpósio da ANPEPP o autor participou do grupo de trabalho "A pesquisa básica em Psicologia". O objetivo do trabalho apresentado era problematizar a dicotomia entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, analisando de que maneira esta primeira dicotomia levava a uma série correlata de outras dicotomias (teoria x prática, teoria x verificação empírica de um referencial teórico, produção teórica avaliada x produção não-avaliada empiricamente). Estas dicotomias facilmente se associavam à discussão sobre o dualismo entre competência e compromisso que, na psicologia e ciências sociais assume a questão do psicologismo x sociologismo, levando inevitavelmente ao confronto entre psicologia e sociedade. O trabalho concluía afirmando a necessidade da interdisciplinariedade na ciência social indicando a insuficiência destas confrontações e a simplificação que elas propiciam. Uma pesquisa não deveria ser avaliada por ser básica ou aplicada, teórica ou prática, mas em função de sua problematização e da produção de conhecimentos em processo de elaboração na linha de pesquisa em desenvolvimento no curso de Pós-Graduação do docente. O presente trabalho parte deste contexto de discussão. Seria a Psicologia Comunitária a ciência aplicada da Psicologia Social entendida como ciência básica? Haveria um tipo de investigação devinculado das questões cotidianas da psicologia e da sociedade preocupado com seus aspectos teóricos e metodológicos contraposto à prática em comunidades sociais? No Curso de Mestrado em Psicologia e Práticas Sócio-Culturais da UERJ, em sua linha de pesquisa "Práticas Culturais e Comportamento de Grupos, Instituições e Movimentos Sociais", tais questões vem sendo aprofundadas na disciplina "Psicologia e Práticas Comunitárias Urbanas". É urgente que se desenvolva uma análise crítica à prática de pesquisa em Psicologia Comunitária. Como campo emergente da Psicologia Social percebe-se que a produção nesta área, além de marcada pela dicotomia pesquisa básica x pesquisa aplicada é conceitualmente vaga e pouco rigorosa em termos metodológicos. Afóra isto ela é gerida pela falta, isto é, pela carência dos grupos sociais, sendo portanto fortemente carregada em termos ideológicos. A discussão em torno da Psicologia Comunitária lança a Psicologia Social num questionamento de

seu objeto e alcance: - qual o papel da psicologia frente aos problemas sociais? - qual o papel da teoria psico-social frente às questões da prática? - cabe ao psicólogo intervir nas instituições e nas comunidades? - como estabelecer critérios metodológicos em trabalhos comunitários? - é imprescindível criar um campo novo, a Psicologia Comunitária, no contexto da Psicologia Social? O trabalho procura encaminhar tais questões apontando para a necessidade de uma problematização conceitual e metodológica mais rigorosa que inclua em seu escopo as questões sociais, o meio ambiente e qualidade de vida, sem que se perca sua inserção nas linhas de pesquisa da Psicologia Social.

# A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E OS AVANÇOS DA CONSCIÊNCIA POPULAR

*Silvia Tatiana Maurer Lane*  
*Pós-Graduação em Psicologia*  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Numa perspectiva histórica pretendemos analisar o desenvolvimento de uma atuação comunitária de intelectuais visando a conscientização de camadas populares. É uma intervenção que surge entre os dez anos que separaram dois períodos de ditadura (a de Getúlio Vargas e a Militar - 1954-64) tendo como expoente o educador Paulo Freire. Torna-se necessário distinguir esta vertente de outra desenvolvida nas décadas de 50 e 60 em cidades do interior sob o patrocínio da USAID. Após o golpe de 1964 analisamos alguns trabalhos comunitários e nestes como a psicologia irá sistematizando a sua prática. Enfatizamos a psicologia comunitária como uma atividade que se desenvolve em países da América Latina com o objetivo primordial do desenvolvimento da autonomia e da consciência destas populações. A década de 80 irá se caracterizar por uma definição da atuação do psicólogo e de métodos de intervenção e de sistematização teórica, também um período em que a questão ética é debatida assim como o compromisso social assumido pelo profissional. Em consequência destas discussões um novo campo de estudos e de atuação irá se definindo como Psicologia Política. Outras derivações da Psicologia Comunitária vão sendo sistematizadas agora como práticas institucionais junto a essa mesma população, através de creches, postos de saúde, etc.